



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

INFÂNCIA: PARA ALÉM DOS SABERES E SENTIDOS CIRCUNSCRITOS

Carla Fernanda Teixeira Santana¹
Catiane Monteiro Pacheco de Souza²

1. PRIMEIRAS PALAVRAS [...] *Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós³.*

O presente trabalho tem como objetivo principal, buscar indícios na produção imagética das crianças, refletir sobre as produções de imagens feitas pelas crianças na pesquisa com crianças, para que a produção desse trabalho se tornasse algo possível foi entregue câmeras fotográficas e filmadoras para as crianças de duas salas da escola municipal Balão Mágico da cidade de Rolim de Moura.

Inicialmente foi feito contato com a escola e com os pais das crianças para as autorizações necessárias, então se deu início a pesquisa que disparou esse artigo, as crianças que participaram da pesquisa foram crianças do pré I e II que tem entre três e cinco anos.

Para a composição deste trabalho foi utilizado escritas de autores como Foucault, (1975); Barros, (2010); Masschelein, (2008), Kohan (2005, 2007) e Leite (2011), entre outros que compõem essa escrita e auxiliaram no entendimento que diz respeito à criança infância e suas peculiaridades, e produções imagéticas.

Para isso tentar pensar a infância longe dos padrões estabelecida pela sociedade capitalista, que por meio de imposição acabam por rotular as crianças de forma que, se ela não atende as expectativas acabam taxadas por inexperiente ou como falta de potencialidade. Essa escrita é uma tentativa de desmistificar todos esses olhares imperativos e controladores, vale ressaltar que essas idealizações permeiam o senso comum.

¹ Acadêmica do 4º período de Pedagogia, da Universidade Federal de Rondônia, *Campus* de Rolim de Moura. Bolsista Voluntária PIBIC. e-mail: carlapedagogia.unir@gmail.com

² Acadêmica do 4º período de Pedagogia, da Universidade Federal de Rondônia, *Campus* de Rolim de Moura. Bolsista Voluntária PIBIC. e-mail: catianemonteirpacheco@gmail.com

³ Manuel de Barros (2010).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Com esse estudo procuramos indícios, nas imagens feitas pelas crianças, que nos ajudaram a pensar em práticas diferenciadas e descolonizadoras na educação infantil e também para análise em educação de modo geral e com crianças de modo específico, com intuito de aproximarmos dos saberes, a partir das experiências, que atravessam as crianças, experiências sem subordinações, restrições, sem o olhar disciplinador do adulto, conhecimentos que produzem experiências e saberes “inventados”, que permitam outras aprendizagens na educação infantil.

2. CAMERAS COMO EXTENSÃO DO CORPO [...] o menino gostava mais do vazio do que do cheio⁴.

Durante a pesquisa que foi feita com as crianças da escola municipal Balão Mágico de Rolim de Moura, inicialmente entregamos as câmeras e filmadoras para as crianças, para elas produzirem imagens sem a interferência de adultos.

No momento em que as câmeras são entregues para as crianças, é como se elas estivessem descobrindo um novo mundo através das câmeras, as câmeras se torna extensão do corpo porque ao mesmo tempo em que elas brincam fazem fotos e filmagens, a câmera se transforma em propriedade delas e elas se torna propriedade das câmeras fica tão juntos que se transformam em um “câmeras-corpos” (Leite, 2014, p. 24).

As crianças fazem imagens que um adulto profissional em fotografias talvez demorasse anos para produzir uma imagem igual, porém para a criança é tão natural ela simplesmente pega câmera e começa a produzir imagens por minutos sem parar, e quando pegamos essas imagens para olhar e conversar em torno da mesma é como se elas nos tirassem do chão do convencional do pré-estabelecido, nos deslocamos para um lugar talvez desconhecido por nós adultos, o universo da infância.

⁴ Manuel de Barros (2010).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

IMAGEM 01



(CRIANÇAS, IMG, 95, 2016)

Para se trabalhar com imagens produzidas por crianças, o pesquisador precisa ter muita sensibilidade para perceber o que está diante dos olhos, tem que deixar de lado tudo o que acredita saber sobre o assunto e partir para a pesquisa com um olhar de quem deixa ser atravessado pela infância com suas peculiaridades e especificidades, como afirma Leite em seu relatório de pesquisa.

Penso que o trabalho com as imagens, com o cinema, nos convida a ir além de uma reflexão sobre os modos de olhar, ver e se afetar pela imagem, isto é, penso que há uma reflexão mais ampla que se torna aí necessária, pois estes modos de olhar, ver e se afetar implicam em práticas políticas de gestão da vida, de controle da existência, porque criam modos de ver, olhar, sentir a vida e de viver a própria existência (Leite, 2014, p. 14).

O que pode uma imagem nos proporcionar em termos de reflexão? Somos capazes de enxergar além do que está posto? Durante a pesquisa as crianças tem nos apresentado imagens desfocada, algumas imagens tem se apresentado como um convite para pensar a infância e sua potencialidade, porém, para que possamos pensar nessa infância longe dos paradigmas, precisamos nos despir do que sabemos ou do que acreditamos saber, mergulhar no desconhecido, ficar em uma posição talvez que não seja tão



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

confortável, porque pesquisar com crianças é livrar-se das hipóteses é deixar que as crianças conduzam a pesquisa pelo caminho que elas escolhem.

As Nações já tinham casa, máquina de fazer pano, de fazer enxada, fuzil etc. Foi uma criançada mexeu na tampa do vento Isso que destelhou as Nações. (Manoel de Barros, Arranjos para assobio, 1980).

Pesquisar com criança muitas vezes não requer entendimento do acontecido ou do que está acontecendo requer simplesmente que sentimos e deixemos nos tocar, as imagens nos conduzem a sentir o chão sair dos pés é como entrar em uma montanha russa de sentimentos, “[...] pesquisar com crianças é experimentar em outro espaço-tempo, é perder a certeza dos caminhos previstos e seguros, é ser convocado pela força daquilo que passa, [...]” (LEITE e LEITE, 2014, p. 3), para isso o pesquisador ou ensaísta a pesquisador deve estar disposto a conhecer o mundo da infância pela ótica das crianças.

IMAGEM 02



(CRIANÇAS, IMG, 81, 2016)

A criança não está presa a normas que os adultos impõem a elas, elas simplesmente deixam se levar pelo momento, e mesmo os adultos queiram impor normas e regras ela ainda encontra caminho e brecha para escapar das coisas que pessoas crescidas acreditam ser o certo, como Silva afirma em seus escritos à criança “[...] fantasia, cria um mundo que é só seu; fala o que



Trânsitos pós-coloniais e decolonialidade de saberes e sentidos

x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

pensa e faz o que quer; troca de papéis como troca de roupa. No seu mundo não há lugar para o certo e o errado” (SILVA, 2010, p. 11).

Pesquisar com criança será sempre baseado no inesperado e em indagações e que talvez não obtenha respostas imediatas há que ser paciente e sensível deixar se levar pelo desconhecido como Manuel de Barros descreve “Ninguém sabe nada... Ninguém soube se o coração vibrou... Porque tudo permaneceu sem fundo suspiro... No estranho momento das coisas paradas” (BARROS, 2010, p.44), na pesquisa com criança é pensar o não pensado e deslocar o olhar para novos acontecimentos e procurar entender.

3. PESQUISA ENQUANTO EXPERIÊNCIA [...] o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele...⁵

As imagens que as crianças produzem não são rodeadas de técnicas, ou do enquadramento perfeito, mas sim dos momentos em que elas se percebem livres para a captura de imagens que as chamem a atenção, e nos na condição de adultos muitas vezes não discernimos o que essas imagens nos apresentam. Para tal precisamos ter um olhar longe de pré-julgamentos, de conceitos já estabelecidos, devemos nos distanciar para deixarmos ser tocados e refletir sobre as diferentes coisas que as imagens proporcionam pensar. Precisa-se afastar do que está seguro, estaque e caminhar em corda bamba, sair dos trilhos ser deformado, desfocar o que já está posto.

E uma pesquisa que se propõe a andar junto com crianças no movimento que elas expressam imagens e pensamento, “[...] não convém ser outro que não seja experiência, que não seja prova, que não seja ensaio”. Leite e Leite, (2014, p. 2), experiência essa que se dá no sentido de provar, sentir, permitir, experimentar, afetar-se, deixar ser tocado, se outro com muitos outros. Uma caminha sem destino estabelecido, andar para além do que já temos, pensamos, vivemos, é estar em constante travessia das certezas, é embarcar

⁵ Manuel de Barros (2010).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

em um mundo desconhecido é se desfazer das nossas concepções de mundo para aceitar outras formas de enxergar e estar no mundo.

Neste contexto a pesquisa com crianças nos convida a ser tocados pelos acontecimentos, a ser tocado na pele, visto que indagações nos tiram do lugar "seguro" para ir em buscas das respostas, respostas essas que não sabemos se realmente existem ou apenas temos os caminhos que nos levem a pensar em coisas não pensadas, não sentidas, não faladas, enfim somos convidados a um exercício de educar o olhar como escreve Masschelein (2008, p. 36) "[...] "educar o olhar" não no sentido de educare (ensinar), mas de educere, como conduzir para fora, dirigir-se para fora, levar para fora. E-ducar o olhar não significa adquirir uma visão crítica ou liberada, mas sim libertar nossa visão.

Neste deslocamento do olhar possibilitado pelo caminhar de sujeito, pesquisador, professor, são colocados a prova, vez que deslocar o olhar é sair para fora, sair da forma, percorrer um caminho sem destino ou orientação, é se deixar ser comandado pela estrada. "Esse comando não é o poder de um tribunal, não é a imposição de uma lei ou princípio [...] mas sim a manifestação (aprendizado) de uma força que nos põe em movimento e abre o caminho." Masschelein (2008, p.39).4

E para que seja possível ser transformado, ser tocado ser atravessados pelos acontecimentos, Masschelein (2008, p.43) diz ser necessária uma pedagogia pobre: àquela que "[...] nos convida a sair para o mundo, a nos expormos; em outras palavras, a nos colocarmos numa 'posição' fraca, desconfortável [...]". A palavra pobreza que está vinculada à pedagogia, neste sentido está em oposição a uma pedagogia rica em técnicas, procedimentos, metodologias e teorias entre outros, que acaba por escapar o lugar e o tempo da experiência, pois esta pedagogia rica está mais inclinada para as explicações, representações, interpretações e produtos finais.

Já a pedagogia pobre não nos garante a chegada em nenhum lugar ou podendo nos levar a todos os lugares, exatamente por sua pobreza, devido a



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

sua fragilidade dos meios que oferece, estes que são insuficientes, carentes, deixando muitas possibilidades de reflexões, pensamentos, sentimentos que nos faz querer um outro modo de educação diferentes dos que existem, uma educação mais próxima a infância. Para libertar nossos olhares é necessário um esforço constante, nas palavras de Masschelein (2008) “para sair pelo mundo é suficiente fazer um esforço”.

Neste sentido, para nos colocarmos a andar pela estrada, para realizarmos uma pesquisa com crianças, para olharmos as imagens que as crianças produzem e nos apresentam, precisamos do mesmo esforço. É uma tentativa de distanciar o olhar de conceitos, pré-julgamentos é se deixar ser tocados pelas imagens e refletir como tais imagens nos possibilita pensar em uma educação que esteja realmente próxima a infância, uma educação que não modula que não discipline mais uma educação que olhe para a criança e suas especificidades que de possibilidades das crianças se expressarem, pois as crianças carregam consigo muitas vivências, não são seres que devem ser moldados e preenchidos com nossos saberes.

Quando uma criança nos apresenta uma imagem de ponta cabeça, desfocada, nos causa um certo desconforto, pois nós estamos sempre querendo ajustar o mundo ao nosso modo de ver e perceber as coisas como se não existisse outras maneiras de ser e estar no mundo. Pensar em uma pesquisa como experiência, ensaio nos proporciona uma liberdade de degustar o novo, pensar sobre o que não está posto, o que não se pensa, de descobrir o mundo através do que as crianças nos apresentam. “[...] pesquisar com crianças é experimentar em outro espaço-tempo, é perder a certeza dos caminhos previstos e seguros, é ser convocado pela força daquilo que passa, é ir ao dês-encontro dos supostos espaços-tempos seguros dos axiomas e dos experimentos. (Leite e Leite, 2014, p 3).

Olhar para o que essa “inseguranças” como um mar de sentimentos que surgem ao passo que vemos as crianças capturando momentos, sem que ninguém as diga o que fazer e como fotografar. Deixar que as imagens nos



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

apresente reflexões sobre como uma educação pode ser descolonizadora, que tire os pré-conceitos dos olhares engessados e moldados a pensar sempre o que está posto.

4. ÚLTIMAS PALAVRAS [...] capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela⁶.

Espera-se que com este estudo os olhares seja deslocados do que pode ser a infância, para o que ela é como potencial de vida, além de afastar as concepções já estabelecidas por olhares disciplinadores, modulares. Pensar também nas diferentes formas de se fazer educação, educação essa que esteja mais próxima a infância. As imagens produzidas pelas crianças com miras longas, chão, caminhos não notados dentro da escola, olhares desfocados, aberturas que fogem pelas e por margens da escola, abrindo os nossos olhos para o que não se percebe, o que não se vê, assim percebendo o que não se percebe.

Essas são capturas dos momentos em que as crianças sente-se livres para fotografar o que elas querem, o que chamam a atenção delas, que por muitas vezes para nós adultos não faz sentido, dando para as coisas outras utilidades, alterando as coisas dando outros rumos ao pensamento. Mas com uma educação do olhar podemos pensar sobre diversas manifestações de educação, dando a oportunidade das crianças se expressarem seus desejos, sentimentos e vontades.

Também espera-se “caminhar por estradas” que levem a pensar em uma educação próxima a infância, para que as crianças tenham a liberdade de se expressarem e que a parti dos pensamentos delas criar diferentes maneiras de pensar e fazer educação com as crianças diferente da educação disciplinadora que molda e limita.

⁶ Manuel de Barros (2010).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

5. REFERÊNCIAS:

BARROS, Manoel. (2010) **Poesia Completa**. São Paulo, SP, Leya Editora.

CRIANÇAS. (2016). Arquivo de imagens do Grupo de Estudos Pedagógicos (GEP), produzidas pelas crianças que participam da pesquisa “Nossa senhora... é o céu!!!”: reflexões e olhares para a educação na infância a partir de produções imagéticas de crianças e professoras. Chisté, B. S. (pesquisado responsável). UNIR: Rolim de Moura.

DELEUZE, Gilles (2007) **A Imagem Tempo – Cinema 2**. Editora Brasiliense. São Paulo SP.

KOHAN, Walter (2007) Um estrangeiro: entre a pedagogia e a educação; entre a polícia e a política. In:_____. **Infância, estrangeiridade e ignorância**. Belo Horizonte. MG: Autêntica.

LEITE, César Donizetti Pereira (2011) **Infância, experiência e tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica.

LEITE, César Donizetti Pereira (2014) **Infância, pesquisa e experiência: reflexões e olhares para o desenvolvimento infantil a partir de produções imagéticas de professores e crianças**. UNESP Rio Claro.

LEITE, C. D. P. Leite, A. R. I. P. (2014). **Imagens como epígrafe: Imagens lúdicas de experiência infantil**. *RevistAleph*. Dossiê Temático, ano XI. n. 22.

MASSCHELEIN, J. (2008). **E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre**. *Educação e Realidade*. v. 33, n. 1, jan/jun.

SILVA, Marcio Sales da. **O devir-criança em três tempos: heráclito, nietzsche e Deleuze**. In: Anais do V Colóquio Internacional de Filosofia da Educação, UERJ, 7 a 10 de setembro de 2010.